

A Língua Portuguesa e Brasileira

Para "TAPEJARA" — Por Elias Domingos — — — — —

I
A língua portuguesa é, como
versejou o imortal vate da
"Via-Lactea", ULTIMA FLOR
DO LACIO.

O povo dessa antiga região
italiana falava o latim e era
um povo forte, guerreiro e
conquistador, por isso chegou
a dominar a península Ibérica,
atualmente a pátria dos por-
tugueses e espanhóis.

Esse povo belicoso, agora
com o nome de romanos, im-
plantou a sua língua aos ven-
cidos, mas não à viva força e
à pressa, e estes a iam acei-
tando naturalmente. O latim
espalhado pela Península não
é o clássico e sim o que dera
origem ao idioma português,
o vulgar, falado pela classe in-
cultas; sujeito, pois, aos crassos
erros.

Logo que o latim popular
começou a transformar-se em
língua portuguesa, até o sé-
culo XV, era o ante-clássico.
Com o desenvolvimento das
leis lexicológicas e sintáticas,
surgiu depois o brilhante pe-
ríodo — o clássico; foi desde
então que surgiram grandes
vultos, os quais enriqueceram
a língua de Castilho António.

Da mesma maneira succe-
ria à nossa língua, se quise-
mos, como pretendem diversos
patrióticos, separá-la abrupta-
mente do idioma lusitano, dan-
do à língua falada aquém-
mar o nome de "brasileira".
Estaria sujeita aos erros gra-
maticais, sem pequena som-
bra do estilo modelar e incom-
parável do "Águia de Haia",
sem pequena sombra das for-
mas corretas e belas de Ma-

chado de Assis e outros ilus-
tres escritores da terra de Ve-
ra Cruz. Nossas gramáticas não
seriam mais, de forma nenhu-
ma, as dos abalizados mestres
brasileiros, pois as suas lições
condenam muitas expressões
de nossa gente, tachando-as de
vícios de linguagem ou brasi-
leirismos viciosos.

Dizemos sem pequena som-
bra de estilo ou forma dos
clássicos do Brasil, visto que
não podemos de maneira al-
guma contestar se afirmarão
que "Dom Casmurro", "A Car-
ne", "Cartas de Inglaterra" e
outras centenas de obras dos
grandes mestres do escrever
dêste País não foram escritas
no idioma brasileiro. E di-
riam com muita razão.

Se acaso abrímos o Eduar-
do Carlos Pereira, João Ribe-

ro, Dr. Ernesto Carneiro Ri-
beiro é o bastante para notar-
se que todos os gramáticos ilus-
tres do Brasil doutrinam o se-
guinte: Nunca se deve come-
çar uma frase em português
pelas variações pronominais
obíquas; deve-se evitar o em-
prêgo da preposição EM após
os verbos de movimento, ou
no adjunto circunstancial de
lugar para onde; é condenável
o emprêgo do pronome de ca-
so reto — ele — como objeto
direto; quando PARA MIM,
que seja seguido de verbo, o
pronome terá obrigatoriamente
de substituir-se pelo caso
reto, para exercer a função de
sujeito dêsse verbo; os prono-
mes EU e TU não podem ser
regidos de preposição; deve-
se evitar a regência verbal
EM, quando na acepção de

aproximidade; todo o emprêgo
da palavra CUJO, que não seja
de complemento de posse, é
errôneo; o verbo ASSISTIR,
no sentido de "estar presente",
constrói-se como transitivo in-
direto com a preposição "a";
quando for impessoal, o verbo
que devemos empregar é o
HAVER e nunca o TER.

E no entanto ouvimos e ve-
mos amide construções des-
tas: "Me dá o lápis" — "Ele
foi em casa" — "Eu vi ele" —
"Água para mim beber" —
"Ela não vai sem eu" — "Es-
tava na janela" — "O clube...
cujo clube foi demolido" —
"O povo assistiu o baile" —
"O jogo... assisti-lhe" — "Na
sala tinha uma pessoa".

Esses poucos e simples
exemplos e mais estas duas
pequenas frases — Cadê o gu-
ri? — Tá lá (Que é do guri?)
— Está lá — são suficientes
para demonstrar que teríamos
forçosamente de organizar no-
vas gramáticas e novos léxi-
cos.

Ainda que queiram formar
a nova língua, que achamos
absurdo por enquanto, diver-
sos solecismos, que acima
acrescentamos, são genuina-
mente portugueses, emprega-
dos pelos lusitanos, como, por
exemplo:

"Me melem, se eu percebo
o tal conluu" (Castilho)

"Me melem se entendo o
doutor" (Herculano)

"Me avisam em muito se-
creto que Espanha tem resol-
vido romper a guerra com
França" (Vieira)

"Mos ofereceram todos
quantidades iguais" (Bernar-
des)

"Nomeamos ele" (Fernão
Lopes)

"viu ela e seus corrigimen-
tos" (Id.).

Não queremos com isso di-
zer que não terá a nossa valo-
rosa Pátria o idioma denomi-
nado brasileiro; não agora,
porém. A língua portuguesa
falada aquém-Atlântico tor-
nar-se-á o idioma brasileiro,
daqui a muitos e muitos anos,
com a modificação das leis
sintáticas, pois está, suave e
lentamente, se tornando dife-
rente da de Garrett, com o
enriquecimento de seu voca-
bulário e modificação de cer-
tas palavras na forma e no
significado.

Não sabemos, francamente,
o motivo que animou diversos
patrióticos a querer formar a
língua brasileira. Excesso de
patriotismo? ou porque o
idioma lusitano falado no Bra-
sil tem uma maneira pouco di-
ferente da de além-mar? ou
porque em nossos dicionários
apareceram centenas de pala-
vras originadas do guarani e
africano? Isso me não faz crer
que é suficiente para tal, se o
número muito maior, as re-
gras gramaticais, em geral, são
iguais. Se pegarmos uma obra
de Herculano, de Garrett, de
Vieira, de Camilo, de Eça e de
outros grandes escritores tran-
sacênicos e lermo-los, com-
preenderemos perfeitamente o
que dizem; o mesmo acontece-
rá com os lusitanos, se abri-
rem um volume de Machado
de Assis, um de Rui, um de
Humberto de Campos, um de
Euclides da Cunha. Se lermos
alguns versos de Camões, sa-
beremos muito bem o que
poetou, como os filhos de Por-
tugal fazem com os versos de
Gonçalves Dias, Bilac, Rai-
mundo Correia e outros valo-
res da arte de Byron que nas-
ceram na terra de Itacema.